



de **Peter B. Kenen**
 Rio de Janeiro: Campus, 1998. 648 p.

por **Anita Kon**, Professora do Departamento de Planejamento e
 Análise Econômica Aplicados à Administração da EAESP/FGV.
 E-mail: akon@fgvsp.br

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas relações de trocas, ampliando o acesso a insumos e mercados, com resultados na internacionalização econômica. Essa internacionalização, que desde aquele século tinha o caráter de trocas comerciais de mercadorias, intensificou-se na segunda metade do século XIX, passando da esfera da circulação de mercadorias para a da produção, com o desenvolvimento da indústria na Europa e o processo extremamente rápido de concentração da produção. Transformou-se então, nessas circunstâncias, na internacionalização do capital financeiro, como resultado da acumulação de capital nos bancos, que passaram a atuar não só como intermediários mas também como monopolistas do capital-dinheiro, de meios de produção e de matéria-prima de vários países, unindo-se às empresas no processo produtivo. Essa concentração de excedentes de capital que são exportados resultou num novo estágio de desenvolvimento econômico, intensificado após a Segunda Guerra Mundial, que se revestiu, por um lado, num aumento do fluxo financeiro internacional, com reflexos no equilíbrio macroeconômico interno e no balanço de pagamentos das nações, e, por outro, na

ampliação do desenvolvimento industrial por meio de investimentos diretos de grandes empresas no exterior com a internacionalização da produção de produtos acabados e posteriormente, a partir do final dos anos 60, com o desenvolvimento de cada parte do processo produtivo em uma diferente região mundial.

O corpo teórico representado pelo ramo da Economia Internacional veio se desenvolvendo desde as doutrinas mercantilistas do século XVI, buscando explicar tecnicamente os mecanismos dessas relações econômicas internacionais e suas implicações sobre os aspectos macro e microeconômicos dos países. Nesse contexto, o livro-texto *Economia internacional: teoria e política*, do professor Peter B. Kenen, publicado pela Editora Campus como tradução do original em inglês *International Economics*, apresenta os temas próprios do debate econômico dessa área, abordando as principais teorias encontradas na literatura acadêmica e objetivando mostrar como as transações internacionais afetam a economia interna e a condução de políticas econômicas nacionais.

O autor é renomado professor de Economia Internacional da Universidade de Princeton, e a versão original, publicada pela Cambridge University Press, é amplamente utilizada nos Estados Unidos e nos países

de língua inglesa pelas qualidades didáticas que apresenta. Emprega uma linguagem apropriada à iniciação às idéias teóricas do tema, utilizando diagramas que introduzem o leitor ao tratamento acadêmico, sem se valer de uma linguagem matemática mais sofisticada (apenas resumida em um “Apêndice”). O texto, conforme designação do próprio autor, destina-se principalmente a alunos de graduação, integrando teoria pura com trabalho empírico.

A obra, desenvolvida em três partes, aborda, na primeira, uma introdução ao tema que apresenta, sob o tópico “A nação como uma unidade econômica”, uma visão histórica sobre as origens do estudo do comércio e das finanças internacionais. O capítulo é iniciado com a visão dos mercantilistas sobre o papel do Estado e do comércio internacional para a base do entesouramento de uma nação e prossegue com a idéia dos economistas clássicos do século XVIII sobre a isenção do Estado em relação à regulamentação do comércio exterior como forma de aumentar a eficiência competitiva. As transações internacionais dos economistas modernos são, então, apresentadas, mostrando que podem ser influenciadas pelas políticas econômicas governamentais internas, muitas vezes resultando em conflitos entre o regime cambial e a eficácia da política monetária.

A segunda parte do livro trata da “Teoria e política do comércio internacional”, introduzindo os principais conceitos e métodos, abrangendo particularmente as premissas das vantagens comparativas. Os modelos ricardiano e de Heckscher-Ohlin são examinados em detalhe, já que apresentam visões diversas sobre as vantagens. O primeiro se concentra sobre a eficiência econômica, salientando que as diferenças existentes entre os países se manifestam em preços relativos e se devem às exigências de mão-de-obra, e o segundo explica como as diferenças de dotações de fatores contribuem para a diversidade entre as condições de oferta e como essas diferenças se refletem nos preços dos fatores e dos produtos e na distribuição de renda.

Em continuidade, os capítulos seguintes analisam a substituição de fatores, inicialmente por meio de um modelo ricardiano modificado e, em seqüência, no contexto do tradicional modelo de Heckscher-Ohlin. Ferramentas relevantes para a análise das características específicas das economias modernas são expostas pelo autor quando são examinadas as condições da concorrência imperfeita e as conseqüências das economias de escala (multinacionalização), o movimento dos fatores e suas repercussões, as ferramentas da política comercial que afetam a distribuição dos ganhos do comércio e da renda nacional, bem como a evolução de longo prazo da política comercial.

O último capítulo da segunda parte da obra apresenta uma discussão sobre alguns tópicos constantemente discutidos na atualidade em economia internacional, como as premissas da Rodada Uruguai, a contribuição dos blocos regionais para a liberalização global do comércio internacional, o papel deste para o crescimento econômico de países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como a agenda de longo prazo da política comercial mundial. Como complementação a esse tópico, podem ser consultados os textos *Comércio exterior brasileiro*, de José Lopes Vazquez (Atlas, 1998), e *Mercosul no contexto latino-americano*, de Marcos Simão Figueiras (Atlas, 1996), que tratam mais especificamente da questão brasileira e latino-americana.

A terceira parte do livro desenvolve as premissas da “Teoria e política monetária internacional”, enfocando inicialmente os aspectos macroeconômicos da economia aberta relacionados aos impactos das transações internacionais sobre os níveis de produção e preços, estoques de moeda, taxas de juros e outras variáveis expressas no balanço de pagamentos dos países. Mostra também como essas transações repercutem na liberdade e na eficácia das políticas monetárias e fiscais que objetivam a estabilidade econômica e como os acordos internacionais exercem influências sobre essas diretrizes.

Nesse contexto, o autor aborda as questões críticas sobre a maneira pela qual o comércio internacional modifica os processos de ajuste da determinação da renda e produção, dos regimes cambiais, das taxas de juros relacionadas à mobilidade do capital, o papel das expectativas e da incerteza nos movimentos internacionais de capital, a variação de estoques monetários resultantes de superávits ou déficits do balanço de pagamentos, bem como uma discussão sobre o equilíbrio de portfólio.

A publicação desse texto em português vem atualizar e ampliar a informação sobre a teoria da Economia Internacional, complementando obras menos recentes publicadas nesse idioma, como a de John Williamson, *A economia aberta e a economia mundial: um texto de economia internacional* (Atlas, 1989), e a mais conhecida e utilizada, de Paul T. Ellsworth, *Economia internacional* (Atlas, 1974). A abrangência dos tópicos tratados pela obra de Peter B. Kenen pode ser equiparada à publicação mais completa sobre o tema na atualidade, porém disponível apenas no idioma inglês, de Paul Krugman, Maurice Obstfeld et al., *International economics: theory and policy* (Addison Wesley, 1997). A obra é, portanto, recomendada não apenas para estudantes de graduação mas também para docentes e discentes de pós-graduação e para os profissionais especializados na área de Comércio Internacional. ○